

FILHOS ADULTOS MIMADOS, PAIS NEGLIGENCIADOS



EDITORAL RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2015

Sumário

Prefácio	11
Introdução	13
Capítulo 1 Faz silêncio na casa de seus pais	19
Capítulo 2 Começamos do início...	47
Capítulo 3 A revolução dos <i>Baby Boomers</i>	59
Capítulo 4 E viva a liberdade!	73
Capítulo 5 As mudanças	83
Capítulo 6 Consequências das premissas	87
1. Vou estar sempre ao seu lado, meu filho!	87
2. Autoridade e hierarquia, para quê?	147
3. Faça o que for melhor para você, querido!	156
4. Autoestima baixa: Deus livre nossos filhos disso!	188
5. Prova não “prova” nada; até gênios tiravam notas baixas!	226
6. Diferenças individuais têm que ser consideradas	242
7. Desorganização = alma de artista?	253
Capítulo 7 Como ficamos?	261
Anexos	
Anexo 1 Método utilizado na pesquisa	273
Anexo 2 Roteiro dos depoimentos	278
Anexo 3 Dados que podem interessar	280

Capítulo 1

Faz silêncio na casa de seus pais

(e assim será também na sua, dentro de duas ou três décadas. Leia com atenção. Hoje são eles que estão passando por isso — daqui a pouco será você)

E de repente os filhos se foram e a casa de seus pais ficou vazia.

Quem sabe quantas vezes eles sonharam com esse momento... Depois de tantos anos de trabalhadeira, teriam, afinal, tempo para tudo o que não tiveram mais desde a chegada dos filhos (você e seus irmãos). Não, esses pensamentos nada têm a ver com falta de amor, nem de zelo por vocês. Mas, sem dúvida, foram muitos anos de dedicação, trabalho, preocupação. De doação, enfim.

E esse dia chegou, mas junto vieram as dúvidas. Que surgiram logo que se deram conta de que seus filhos, todos eles, agora estão fora de casa. Casados ou não, não importa. Cada um já tem seu cantinho, e nesse momento estão a sós em casa de novo, como no início de tudo.

Se é que ainda estão juntos nesses tempos de relações líquidas, como Zygmunt Bauman³ nominou tão bem. Quer dizer, se é que tiveram a sorte de se entenderem bem e a vida permitiu que estivessem juntos ainda depois de tantos anos.

Não foi fácil, recordam; foram muitas e muitas batalhas ganhas — e outras tantas perdidas. Levou o quê? Uns trinta anos ou algo em torno disso.

Sua mãe cansou de brigar com seu pai, anos a fio, tentando dividir um pouquinho mais equitativamente as tarefas com crianças, casa e trabalho; seu pai cansou de se perguntar em que momento sua mulherzinha doce e tão querida desapareceu entre fraldas, choros, dúvidas, noites maldormidas, culpas, doenças, alegrias, tristezas, formaturas, namoros, novos medos, novas dúvidas... e se transformou na criatura cansada tão diferente da que conheceu e amou. Ambos cansados, aliás. Ambos preocupados. Eternamente preocupados. Mal terminava uma infecção, vinha o tombo, a fratura, uma febre e depois... os pesadelos! Deus do céu, que fase essa dos pesadelos! Demais da conta... Parece que nunca mais dormirão uma noite sem idas e vindas ao quarto dos filhos — ou sem que o filho venha toda noite, a noite toda, ao quarto dos pais exaustos de noites e noites maldormidas...

³ BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

É. De fato é incrivelmente bom olhar e vê-los agora assim crescidos, independentes: adultos cuidando de suas vidas. Parece que ontem ainda eram tão pequenos...

E, no entanto, lá se foram trinta, trinta e cinco anos... Quarenta em alguns casos! Uma vida inteira. De qualquer forma, lembrando agora, eles se dão conta de que era tanta coisa a fazer sempre, uma após outra, sem nunca parar, nem dava para respirar! Com babá ou sem babá, com creche, escola, avós ajudando... Não importa! Trabalho ininterrupto de doação. E desejo de compensar ausências o tempo todo!

Parece estranho a você que me lê agora? Ou terrivelmente familiar? Continue lendo, querido, você verá que o que sente hoje, em relação aos seus próprios filhos, foi exatamente o que, sem tirar nem pôr, seus pais sentiram anos atrás. Com a diferença de que, em quase todos os casos, eles tinham menos mordomias e confortos do que você tem e desfruta hoje, porque já começou sua vida de adulto quase no nível em que eles terminaram a deles. E por quê? Porque providenciaram e "forraram" você com tudo o que puderam: financiando seus estudos até que você concluísse mestrado, doutorado ou o que mais tenha querido estudar; ajudando nos alugueis ou pagando as contas; dando carro de presente aos 18 anos, eles que só tiveram o primeiro, se tiveram, lá pelos 40, quando finalmente puderam comprar um com o dinheiro do próprio trabalho; aceitando que

você morasse num verdadeiro hotel (ou motel?) cinco estrelas, com direito a casa, comida e roupa lavada, namoradas/os dormindo em casa na cama de casal que eles providenciaram e colocaram em seu quarto só para lhe agradar... etc. etc. etc. Coisas que seus pais jamais tiveram, eles quiseram dar a você...

E, agora, depois de tudo, parece que a batalha diária chegou ao fim... Foi uma verdadeira guerra! Sim, a sensação de quem cria filhos é mais ou menos essa: uma guerra! Na qual a gente se empenha de corpo e alma, mais alma do que corpo, porque filho a gente ama com paixão desvairada.

Seus pais deixaram um monte de coisas para depois, porque os filhos precisavam, e o dinheiro não dava para tudo, então optaram sempre pelo bem-estar dos pequenos (você, querido!). Viagens ficaram para depois ou não aconteceram. Roupa, passeios: tem tempo, pensavam eles. O que importava eram os filhos. *Poderemos fazer depois, quando crescerem*, pensavam. *Teremos tempo para namorar depois*, achavam eles.

Agora, você e seus irmãos cresceram, e seus pais sentiram que a missão estava cumprida no todo ou em parte.

Mas, diante do espelho, nesse momento da vida, seus pais percebem rugas, cabelos grisalhos, usam óculos, já não estão tão lindos, nem tão jovens, nem tão saudáveis, talvez. E o companheiro também. Que, às vezes, eles nem

têm mais... Foi para outra dimensão. Ou foi embora com outra — ou com outro. Foi fazer outra coisa na vida. Não importa.

Seja como for, no ponto em que estão, seus pais sentem que ainda têm muito a desfrutar. Relaxar, dormir até tarde. Nossa! Isso é quase miragem após anos madrugando, seja pelos filhos, seja pelo trabalho. Talvez alguns desses papais, em final de missão, ainda não tenham se aposentado, mas muitos até já... Talvez tenham apenas diminuído a jornada de trabalho.

E aí surge tempo para pensar, para rever o que passou.

Tempo que você terá também daqui a alguns anos, embora agora lhe pareça que nunca chegará...

Os filhos saem de casa por motivos diversos. Porque se casaram, juntaram, foram trabalhar em outra cidade ou simplesmente porque decidiram ter seu próprio canto. Talvez alguns de vocês já estejam em cargos importantes. Ou não. Mas estão fazendo o que *vocês mesmos escolheram fazer*. E, tenho certeza, por isso mesmo devem estar fazendo um bom trabalho...

Aí sim, delícia das delícias, um pai sente que cumpriu seu papel. O que mais poderia querer e pedir da vida?

Afeto, talvez? Um pouquinho de reconhecimento, com certeza! Disso todos precisam. E, quem sabe, alguma atenção pessoal?

No entanto, surpreendentemente, a alegria de quem vive esse momento não é exatamente tão inebriante quanto esperava... Aliás, o que há é certa percepção de menos-valia. Uma interrogação permanente de *“o que faço de mim agora?”* — mesmo que se tenha ainda muito o que fazer.

Como um dos entrevistados afirmou: *“Vou fazer tudo que não pude fazer antes: teatro, curso de pintura... Sempre pensei ter talento para artes, mas tive que ganhar a vida, então acabei advogado.”* Ou acabou médico, burocrata, professor, cabeleireiro, escultor ou pedreiro. Não importa. Seus pais seguiram o caminho e criaram uma família. Batalharam por trinta e tantos anos — que passaram como se tivessem sido capturados por um tornado! Até hoje.

Porque hoje — surpreendentemente — seus pais acordaram sem pressa e descansados. Sem horários, sem ter que obrigatoriamente levantar para servir café ou acordar alguém ou resolver alguma coisa *para* alguém. Agora seus pais podem olhar para si próprios novamente e decidir até *se querem levantar*. Ou dormir de novo. Ou ficar na cama lendo jornal até meio-dia. Ou ligar a tevê e ver todas as sessões da tarde que quiserem... Quanto não terão sonhado por esse momento?

No entanto, diferentemente do que imaginavam, o que sentem é desorientação. E não é a desorientação de quem tem filhos de 30 anos ou mais que, apesar da idade, ainda não se encontraram na vida; que nada produzem

e continuam sob suas asas; que não trabalham e vivem às suas expensas. A esses eles não souberam se opor, e hoje seus rebentos, já meio velhucos, não têm trabalho nem profissão. Vivem a adolescência eterna, dependendo de mesada e do trabalho dos pais, que agora são quase (quase?) velhos.

Não, não me refiro a esses pais, cujos filhos talvez jamais cheguem a se tornar adultos; para esses pais, o educar não finalizou nem finalizará jamais, porque haverá sempre que refazer a jornada. Não, não é para esse tipo de pais que escrevo.⁴

“Minha filha tem 38 anos; é inteligente, bonita, tem muito potencial... Mas não sei o que houve: não conseguiu se encontrar ainda. Vivo preocupada com ela. Tenho medo de morrer, sabe? Estamos com quase 70 anos! E ela continua sem saber o que quer da vida. O irmão já está na vida, batalhando, casado e com filhos, mas ela começa uma coisa, para; começa outra, para também... Já passou quatro anos na Suécia, juntou-se com um cara pela internet, acredita? Minha mulher e eu ficamos desesperados! E ela deixou a gente dizer alguma coisa? Nem pensar! Ele veio para cá uma vez, antes de irem morar juntos sei lá onde, e nós o conhecemos: uma pessoa muito calada, estranha; mas ela botou pé que ia com ele — e foi! Fazer o quê?

⁴ Para esses, escrevi *Encurtando a adolescência* — e ainda vale a leitura, quanto mais cedo melhor!

Torcer, não é? Depois se separaram; acho que ele não queria nada de sério, aí ela voltou para o Brasil. Primeiro tentou morar só, mas não deu certo, não ganha bem; daí voltou para nossa casa e tá aí. Bem, ela tem um pai que trabalha, então para que vai se cansar? Agora resolveu viajar pelo mundo: primeiro passou uns meses na Suíça, agora está na Dinamarca — eu acho. Mas não temos sossego, estamos esperando um telefonema ou um e-mail para saber onde ela está... E já tem uns cinco dias sem dar notícias, então a gente não consegue ter paz... Ela trabalha, mas às vezes, sabe? Dá aulas de português para estrangeiros, porque aprendeu línguas quando morou na Europa, mas nem sempre... Ganha um dinheirinho e daí sai pelo mundo! E aí da gente se falar alguma coisa... Apesar de toda formação que tentamos dar — a gente sempre acha que nossos filhos vão ser diferentes, não é mesmo? Mas hoje eu sei que eles vão ser do mesmo jeito que todos esses que, depois que crescem, nem se lembram de que têm pai e mãe..."

(M.A., 70 anos, casado, médico, dois filhos, dois netos.)

É para os que têm filhos adultos, quero dizer, produtivos e independentes, que escrevo.

Escrevo para você que é papai também, e tem a felicidade de ter seus pais ainda com você...

Escrevo para aqueles que se surpreendem numa casa novamente silenciosa — e arrumada! — num momento da vida até desejado, mas que, ao se concretizar, se revela estranho e desestabilizador. E deveria ser o momento da colheita, que o plantio foi finalizado há muito!

No entanto, as entrevistas que realizei comprovam esse sentimento de perplexidade:

“Difícil entender logo de início que não precisam mais de você. Claro que gostam de você, mas em poucos dias você descobre que seus filhos estão ocupadíssimos sempre e que desejam somente contatos rápidos quando tudo está bem... Só se tornam frequentes quando surge alguma necessidade, e aí aparecem para pedir ajuda...”

(S.B.N., 56 anos, comerciária, separada e casada em segundas núpcias, dois filhos adultos da primeira união, profissionalizados e casados, três netos.)

Os depoimentos mostram que esse momento novo precisa de outro olhar e entendimento. É necessário reaprender *tudo*:

“Difícil engolir que, seja qual for o tipo de relacionamento que você estabeleceu com os filhos por toda a infância e adolescência — quero dizer, se você foi um pai presente, cuidadoso, dedicado em tempo integral, que conversa e dialoga, ou se foi aquele que terceiriza tudo (deixa o filho com vó, com babá, ou com tablet e tevê) —, independentemente do tipo de pai que você foi,

de um jeito ou de outro, agora são eles que decidem se querem conversar com você. E também, sem a menor cerimônia, quando é hora de parar... E a hora de parar pode ser meio minuto depois de a conversa ter se iniciado — basta que ele ache que 'não tá a fim'."

(S.T.A., 60 anos, aposentada, dois filhos casados.)

O momento em que os filhos se tornam independentes e que podem prescindir dos pais para viver é desejado e até esperado, porque é também a hora em que percebem os resultados da educação que deram.

Para muitos, esse momento é de grande impacto e estranhamento. Não são poucos os que se sentem *cortados* da vida dos filhos; o que é muito diferente da forma que agiram com seus próprios pais — apesar de toda a rigidez que vigorava na relação. Fossem o quanto fossem exigentes, e até tirânicos em muitos casos, os pais (seus avós) continuaram sendo respeitados e cuidados. Até reverenciados em alguns casos pelos filhos adultos (seus pais).

O que o meu estudo mostrou foi que boa parte dos que têm filhos adultos, na atualidade, se sente meio que *descartada* (a não ser quando os filhos precisam deles — quase a totalidade dos depoimentos convergiu nesse ponto — ou quando trabalham juntos, se o pai é dono de empresa ou tem um consultório e o filho segue a mesma carreira e decide trabalhar com o pai).

Se o único vínculo é apenas o afetivo, é frequente se sentirem apenas *tolerados* quando convivem, leia:

“Difícil é suportar e entender que os filhos adultos deem ouvidos ao que amigos e namoradas opinam sobre suas vidas e que aceitem tal participação como bem-vinda. E que não tenham tempo nem paciência com seus pais, muitas vezes nem mesmo para um telefonema.”

(L.R., viúva, aposentada, dois filhos casados.)

“Difícil aceitar que as visitas se tornem mais e mais raras; que os telefonemas sejam sempre para tratar de algum assunto muito concreto — e tchau! Ou, então, nada de telefonema. Difícil compreender que, se quiser vê-los, você terá que visitá-los, mas sempre se lembrando de telefonar antes, porque senão corre o risco de estarem muito cansados e querendo dormir cedo e aí, mesmo que você já esteja lá, eles são capazes de dizer que querem dormir... É quase como se dissessem com todas as letras: não estou a fim de ver você hoje!”

(S.B.N., secretária, um casal de filhos adultos casados.)

“Quando meu primeiro neto nasceu, minha filha me comunicou, com total simplicidade, as regrinhas que estabelecera para mim... Logo ela que, quando menina e na adolescência, jamais aceitou uma sequer sem muita briga... E comunicou sem pensar um minuto em como eu me sentiria! ‘Só telefone para o meu celular; o fixo

pode acordar o bebê, ou o meu marido, que chega hiper-cansado!’ Tem outras: ‘E só telefone até oito da noite, porque depois queremos dormir.’ Assim mesmo! Nem em sonhos eu falaria assim com ela, mesmo quando dependia de mim e morava em minha casa. Ela faria um escândalo!”

(S.T., 53 anos, secretária, separada, dois filhos e dois netos.)

Sim, é difícil para qualquer pai aceitar que, para encontrar seus filhos adultos, tenha que “convidá-los” formalmente para um jantar ou lanche em sua casa. Ou que fiquem semanas sem dar um telefonema. O mínimo que esperavam, os depoimentos mostram isso com clareza, é que sentissem *pelo menos um pouco de vontade* de estar com eles, porque foram pais que deixaram os filhos livres, apoiando suas escolhas. Acabaram com a hierarquia rígida das suas próprias infâncias, dando a seus filhos espaço e direitos antes jamais vivenciados por geração alguma. Tentaram ser os pais que gostariam de ter tido. Achavam que sua relação com os próprios filhos seria próxima e participativa, portanto. Mas pelo contrário:

“Meu filho se casou faz três anos. Enquanto não tinha filho, o que durou mais ou menos ano e meio, só veio me visitar quatro vezes, e somente quando o convidei para jantar; chegava sempre com cara de exausto. Sem nem lembrar que eu mesma trabalhava o dia todo e, se o estava recebendo com comidinhas e carinhos, estava

tão ou mais cansada que ele... Mas qual! Jantávamos e, meia hora depois, quando eu finalmente pensava que poderia sentar para conversar um pouco, ele levantava e dizia 'temos que ir, tá tarde'. Depois que meu neto nasceu, comecei a ir à casa dele, uma vez por semana — sempre telefonando antes para saber se podia. Uma vez ele deitou e dormiu no sofá na minha cara! Em outra, ficou todo o tempo no telefone! E não foi visita comprida, não. Nem pense que ele estava sem dormir. Que nada! Ele e minha nora tiveram babá desde o primeiro dia que voltaram da maternidade... Quando saí, depois de ele estar dormindo uns dez minutos já, toquei de leve no braço dele e disse que ia embora. Pensa que se desculpou? Ao sair olhei o relógio: não fazia nem quarenta minutos desde que tocara a campainha na chegada! Senti-me péssima, arrasada!"

(T.S., casada, funcionária pública, 62 anos, dois filhos casados.)

Tá bem, tá bem! Você vai me dizer que *você* não faria isso nunca com seus pais! Mas, creia-me, se nem todos agem assim, boa parte *parece agir*. Afinal os depoimentos foram muito coerentes em suas semelhanças e dores... As entrevistas mostraram que, embora os *seus pais* (geração *Baby Boomers*) tenham lutado muito para tornar as relações mais verdadeiras, as coisas não caminharam do jeito que eles haviam sonhado em termos de reciprocidade... Os depoimentos (você poderá ler outros mais, adiante)

tornaram claro que os papais *Boomers* realmente conseguiram o objetivo de dar aos filhos liberdade para lhes dizerem tudo o que sentem e pensam (ou quase tudo). No entanto, por seu turno, não conseguem nem dizer francamente aos filhos que ficaram sentidos com certas atitudes. Isso demonstra que não há, em muitos casos, um relacionamento de fato verdadeiro para ambos.

Se um dos lados pode dizer e fazer tudo da forma que deseja, o outro também deveria ter a mesma possibilidade, não?

Por que será que essa meta — das relações íntegras e sem disfarces que seus pais queriam ter com você — ficou tão unilateral? Afinal, pelo que mostram os relatos, os filhos (quero dizer você, leitor, e seus amigos) sentem-se à vontade para se colocarem inteiramente na relação. Quando não querem ir a uma reunião de família, não hesitam em dizer isso claramente, mesmo que saibam que seu pai gostaria muito que fossem. Também não se sentem nem um pouco constrangidos em dizer que não gostaram da camisa que lhes trouxeram na última viagem... Tá bem, tá bem! Pode ser que não fosse *maneira* mesmo, mas quantos presentes seus pais receberam de você que podem não ter gostado, mas usam somente para lhe agradar? Tinha pensado nessa possibilidade?

Não, não estou propondo uma volta ao passado, nem que as relações sejam “falsas” (se é que isso pode ser chamado de falsidade!). Só estou tentando lhe apresentar fatos

que o situem antes de começarmos de fato a estudar o que aconteceu.

Por que será que as relações ficaram assim?

Seus pais não podiam nem dizer a seus avós que não queriam comer toda a comida que estava no prato, quanto mais ditar regras de conduta para eles, ao se tornarem adultos. Por essa e outras razões, deram a seus filhos liberdade excepcional. O que nunca tiveram, deram a vocês. Por amor.

Por que não recebem a retribuição mínima que esperavam?

Não fique chateado comigo, por favor... Entenda que não estou lhe dizendo que você é horrível, péssimo filho, nada disso. Sei que você não é, mas creio que é saudável saber como eles estão se sentindo depois de tudo.

Quero analisar, passo a passo, junto com você, *por que as coisas* caminharam dessa forma.

O que ocorreu que conduziu a que o projeto dos Boomers não alcançasse o alvo pretendido?

É isso que vamos tentar responder.

Para começar, meu querido, reveja os encontros recentes que teve com seus pais, antes de achar que já tem a resposta.

É provável que agora você esteja aborrecido comigo, com raiva, e prestes a fechar o livro e jogá-lo longe. Mas não faça isso! Você já tem filhos, não? É o mais provável; afinal este é o tipo de livro que é lido por quem está educando ou tentando educar crianças... O que estamos conversando aqui, com certeza, vai lhe ser útil; então, não desista!

E pense nisso:

- Talvez seu pai não tenha coragem de lhe dizer o que o aborrece na relação dos dois — o que o magoa ou desagrada — porque sabe que seu filho é *poderoso*, e provavelmente se aborreceria.
- Talvez ele saiba que seu filho só ouve o que quer ouvir. Ou o que lhe agrada ouvir.
- E talvez também saiba, desconfie ou tenha medo de encarar o fato de que *você é capaz de romper relações*, com certa facilidade. Até com ele...

Caro leitor, quase com certeza, você é filho dos *Boomers*.

Não fique chateado ao ler esses parágrafos. E, se não se sentir identificado logo de início, dê-me um voto de confiança e continue lendo!

Logo você vai me compreender. Palavra!

Escrevi para que ambas as gerações, a sua e a de seus pais, se beneficiem dos depoimentos contundentes e verídicos que permeiam o livro. Para que a leitura lhe

permita saber o que os seus pais gostariam de receber de você em termos afetivos.

Quem sabe tomar consciência das necessidades e sentimentos de quem lhe deu tanto não promova um encontro bom para todos?

Mas, principalmente, escrevi para você, que está criando seus próprios filhos neste exato momento — cheio de amor e com tudo de bom para dar —, esperando que a leitura propicie uma revisão tanto da relação que está implantando com seus filhos quanto da que tem com seus pais, visando, especialmente, a que você não tenha que sentir no futuro algumas das decepções que seus pais estão sentindo agora...

Acredito que muita coisa positiva poderá resultar daí — tanto para você, quanto para quem lhe deu tanto, e que em muitos casos continua sendo peça fundamental para que você batalhe pela vida, com a segurança e a tranquilidade de saber que alguém na retaguarda zela pelos seus filhos.

Seu filho é, com certeza, encantador, doce, tudo de bom. O mais lindo, o mais fofo, o mais valente, o mais inteligente de todos! É assim que os vemos, todos nós, pais...

Seu pai também viu você dessa forma, décadas atrás.

Qualidades à parte, tente imaginar que seu filho já é adulto. O que pensa receber pelos cuidados, amor e atenção que lhe está dando hoje — e que ainda lhe dará por muitos e muitos anos? Sei; você vai dizer que não espera receber nada. Mas, acredite-me, isso é historinha, conto de fadas! Todos esperam retorno pelos seus melhores esforços. Sei que nesse momento você está fazendo exatamente isso pelo seu filho — dando o melhor de si... E sei que, ainda que você não tenha consciência disso, no futuro próximo vai querer receber amor, afeto e... Reconhecimento!

É isso exatamente o que está dando a seus pais? Visitas, telefonemas, um almoço com eles ou cineminha no final de semana? Não sempre: dois programinhas por mês juntos já seria ótimo! Telefonemas só para saber se está tudo bem com eles ou dizer "estou com saudades" três vezes por semana os deixariam no céu!

Você faz isso regularmente? Espontaneamente?

Seu ouvido está disponível realmente para eles, quando querem lhe contar algo?

Se o seu filho amado só lhe der exatamente o tratamento que você dá a seus pais hoje, você ficará plenamente satisfeito? Não responda. Apenas pense.

Quantas vezes visitou seu pai — sem convite — nos últimos seis meses, só para saber como ele está passando, como está vivendo?

Se, depois de pensar com muita calma, responder (para si próprio) que estará totalmente satisfeito se seu filho agir como você age com seus pais hoje — então ótimo! Apenas continue assim.

Se, no entanto, sendo muito, mas muito verdadeiro, você concluir que tem negligenciado a relação; que tem priorizado sempre outras coisas (incluindo, por exemplo, a musculação, a ida à praia, os barzinhos com amigos duas ou três vezes por semana, as idas ao shopping), achando que eles devem saber que “você é muito ocupado e não tem tempo”, e que, nas raras ocasiões em que os encontra, você aproveita para botar em dia os e-mails e responder a todos os amigos nas redes sociais; que fica louco para ir embora mal chega à casa deles; que no fundo vive tentando se livrar desses “chatos”. Então...

Terei que parabenizá-lo pela honestidade intelectual e afetiva. E convidá-lo a ler estas páginas até o final!

Os depoimentos colhidos parecem indicar que os papais *Boomers*, em vez do que pretendiam (tornar o mundo e a sociedade um lugar melhor para todos), contribuíram para que seus próprios filhos se tornassem adultos tão focados em si próprios que têm dificuldades para perce-

ber, entender e captar sentimentos alheios, especialmente os de seus pais, porque se acostumaram a vê-los como *doadores em essência*, pessoas generosas, muito legais e com quem podem contar...

Só que esse foco no seu próprio “eu” tem impedido muitos filhos de perceberem que seus pais, os avós dos seus filhotes, têm agora necessidades afetivas também.

Habitados à superproteção que seus pais lhes deram, os filhos dos *Boomers* tendem a achar magicamente que “seus velhos” não precisam de nada...

Para os *Boomers*, porém — e seu pai está entre eles —, é muito difícil compreender que você não deseje trocar ideias com ele, que o criou dentro da perspectiva de compartilhamento e, ah, sim, de muito diálogo...

Tudo o que desejavam era um mundo melhor, relações verdadeiras e afetivamente intensas, mas, claro, especialmente com seus filhos!

Os *Boomers* esperavam compartilhar conquistas, pensamentos, sentimentos e temores com você; eles — que fizeram da liberdade bandeira, que quase não disseram “não” a seus filhos, que lhes deram todos os direitos (ao contrário do que tiveram eles próprios) — esperavam simplesmente conversar, dividir. Afinal, como adulto que você é, pensavam que reconheceria nele o pai que todo mundo gostaria de ter tido. Mas não: você — e provavelmente

seus colegas de geração — simplesmente é muito mais crítico com eles do que os *Boomers* foram com seus próprios pais (seus avós, os *Veteranos*, superconservadores, cheios de regras e restrições). E, por estranho que possa parecer, os *Boomers* os reverenciam até hoje, mesmo não tendo recebido um décimo da liberdade, do apoio e da assistência que deram a vocês, seus filhos.

Não estou dizendo que você e seus companheiros de geração não são legais. Nada disso. Como em todas as gerações, há os que são trabalhadores, produtivos, educados e respeitadores. Após colher e analisar tantos depoimentos, sei que a tristeza dos papais *Boomers* se refere mais a questões de afeto, de atenção e de retribuição. Sentem falta do *real interesse* em ouvi-los e entender suas necessidades atuais. Era o que esperavam receber pelo tanto que a vocês dedicaram. Mas, ao contrário do que imaginavam, têm recebido ainda mais expectativas de ajuda, mais incumbências e solicitações. E, ao mesmo tempo, críticas e exigências...

“Eu realmente quis dar mais liberdade aos meus filhos — e dei. Quis que fossem mais livres, sem cobranças... Imaginando que eles ficariam muito grudados na gente, amigos, sabe como é? Mas não. Eles formam a família e acabou — pronto. A gente é meio que... Sei lá, a gente fica para trás, não digo esquecidos, mas em um plano muito, mas muito inferior, até em relação aos amigos... Muita coisa que eu gostaria de saber, de

participar ou ao menos de ter notícia, eles não falam. Nem pensam em falar, nem se lembram de contar... A gente só sabe depois — e se perguntar! Tem vezes que só fico sabendo que meu filho viajou muito depois, ou quando ele já está de volta à cidade, por exemplo. Não se preocupam em avisar, em saber se você precisa de alguma coisa, já que vai ficar sozinha na cidade, ou que você pode se assustar, se preocupar caso telefone várias vezes e ninguém atenda..."

(S.B.N., 56 anos, comerciária, divorciada, dois filhos.)

É muito difícil para quem teve pais rígidos e autoritários, e mesmo assim relevou quase tudo e, na velhice, ainda cuidou deles, aceitar que não irá receber nem metade disso... Metade não, que já seria o paraíso; nem um décimo da atenção e carinho:

"Difícil acreditar que eles podem facilmente ficar sem falar com você, sem ver, sem ouvir sua voz, sem dar um telefonema, sem fazer uma visita — semanas e semanas a fio (às vezes, mandam um beijinho, se estiverem falando com o outro genitor ao telefone) e, quando ligam, em geral é porque precisam de alguma coisa de interesse imediato, tipo pedir para você emprestar dinheiro, pagar uma conta ou ficar com um neto porque a babá vai faltar. Tem dias em que eu telefono quatro, cinco vezes, deixo recado e mesmo assim eles não me retornam. Ah isso dói!"

(S.L., aposentada, 68 anos, dois filhos, dois netos.)

Será possível que tanta liberdade, desejos e vontades satisfeitos, tanta proteção e mordomia tenham tornado as gerações X e Y⁵ incapazes de perceber o que os outros precisam, tornando-os capazes de ver apenas a si próprios, em suas necessidades, cansaços e desejos?

Será que seus pais precisavam ter traduzido em palavras com muita clareza, às gerações que se seguiram, que esperavam a seu turno, como é humano, receber o retorno afetivo de que tanto carecem hoje?

Mário Quintana, poeta gaúcho, disse certa vez: *"Quem não entende um olhar, não compreenderá mil palavras."* Lindo! Mas não me parece ser verdade... Algumas pessoas têm, sim, essa sensibilidade inata; mas não é o caso de toda gente, menos ainda dos jovens de hoje, *tanto em relação a seus pais, como a qualquer pessoa*. Acredito, pelos depoimentos colhidos, que os *Boomers* pensavam que, sendo liberais e generosos, automaticamente receberiam o mesmo dos filhos. Mas não foi isso que ocorreu em muitos casos. Claro que existe um percentual que cuida e protege os pais, não nego isso de forma alguma.

Ainda que não haja intenção de fazer sofrer, parece que muitos jovens de hoje não entenderam que os mais velhos têm, também, necessidades... Embora você tenha se acostumado a recorrer sempre a eles, desde menininho, agora eles estão mais frágeis, embora muitos ainda continuem

⁵ Gerações que hoje estão com idades entre 25 e 45 anos, aproximadamente.

dando suporte aos filhos. Seus pais têm, sim, inesgotável potencial para dar, ajudar, tomar conta dos netos, cobrir dívidas e colaborar até em coisas totalmente desnecessárias como trocar de carro ou redecorar o apartamento... Muitos, com dor na coluna ou não, assumem criar os netos, nesse momento em que se tornou bem frequente rapazes, e mesmo moças, “esquecerem” ou decidirem *não* usar camisinha ou fazer uso de qualquer outro tipo de contraceptivo em nome do prazer de um momento... E aí quando chega o bebê...

Faz parte do perfil *“não quero, não faço — sou livre!”*

É, está cheio de avós criando netos — no Brasil e no mundo. E tem filho que já anda pensando que é *obrigação*!

Sim, os *Boomers* realizaram muita coisa! Boa parte ainda continua realizando — profissionalmente e em família —, mesmo com filhos que estão com 40 anos ou quase... E muitos desses filhos nem sequer se lembram de “olhar” nos olhos dos pais para saber o que os deixaria felizes!

Como entender um olhar, quem nem o olha? Como entender uma palavra, quando não se tem tempo (ou “saco”?) para ouvir? É o que eu perguntaria ao poeta gaúcho, se o pudesse encontrar...

Dentro dessa mesma perspectiva, vale lembrar estudos recentes no Brasil e no mundo que apontam o aumento significativo de descasamentos e recasamentos... O que necessariamente significa que, na atualidade, muitos

mais casais estão se separando bem cedo, ou seja, não se compreendem e pouco ou quase nada toleram uns dos outros, como mostram os dados colhidos pelo IBGE em seu estudo de 2007:⁶

"É crescente a proporção de casamentos de indivíduos divorciados com cônjuges solteiros. Os percentuais mais elevados são observados entre homens divorciados que casaram com mulheres solteiras, quando se compara com mulheres divorciadas que se uniram formalmente a homens solteiros. Esses percentuais passaram de 4,5% para 7,1%, no primeiro caso, e de 2,1% para 3,7%, no segundo, entre 1998 e 2007. Observou-se ainda o aumento de casamentos entre cônjuges divorciados, de 1,1%, em 1998, para 2,5%, em 2007. Em conjunto com o crescimento das taxas de nupcialidade observado para o país como um todo está a elevação dos recasamentos. Ressalte-se que os casamentos entre cônjuges solteiros permanecem como conjunto majoritário, porém com decréscimo proporcional constante, apesar de os totais absolutos terem apresentado crescimento, também. Os recasamentos representaram, em 2007, 16,1% do total das uniões formalizadas em cartório. Em 1998, os recasamentos totalizavam 10,1%."

Vocês tiveram tantos direitos, tanta proteção, mas não aprenderam a olhar os outros com a mesma profundidade e compaixão com que olham a si próprios. São compreensivos e piedosos (até demais!), quando se trata

⁶ Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População e Indicadores Sociais, Estatísticas do Registro Civil 2007.

de *avaliar suas próprias ações, atitudes, produção e formas de relacionamento*. Por outro lado, sabem ser duros, inflexíveis, e frequentemente apresentam dificuldade para rever suas atitudes.

É, querido, talvez vocês não sejam isso tudo que pensam ser...

Não, não se ofenda! Durante a leitura, você terá chance de compreender por que afirmo isso. E entenderá que *poderá vir a ser* ainda mais maravilhoso do que pensa ser hoje. Para tanto, porém, terá que suportar a sacudida que ajudará você a ver melhor o que se passa no seu entorno. E, para que isso possa acontecer, você precisa *querer e aceitar* essa revisão que estou fazendo aqui, como porta-voz dos pensamentos e sentimentos que seus pais aceitaram partilhar comigo em suas entrevistas.

Se aceitar o desafio, continuará a leitura. Se não aceitar, quero que saiba que foi um risco que aceitei correr. Mas foi um risco muito bem calculado.

Explico: Eu realmente creio na capacidade de o ser humano se reinventar. E creio também *no seu amor e no desejo de ser um pai muito, muito legal*. Por isso, sinto que não parará a leitura.

É nisso que aposto; e por esta razão não hesitei em escrever o que encontrei na pesquisa, mesmo ciente de que posso afugentar leitores. Aceitei correr o risco. Pelo futuro

de vocês, de seus filhos e de seus pais, que se desnudaram sem medo nos depoimentos que colhi.

Os que fugirem, porém, estarão apenas confirmando o que digo e reafirmo há mais de vinte anos (desde o livro *Sem padecer no paraíso*, em 1991!): quem ouviu muito poucos “*nãos*” na infância tende a se tornar frágil e incapaz de suportar críticas, por mais bem fundamentadas que sejam, assim como de rever atitudes próprias.

Mas, em você, que mesmo abalado decidiu continuar a ler, em você eu acredito — e muito! Porque sei que, como pai que é agora, não apenas compreenderá o que proponho como tentará colocar em prática o que repensar, pois sente que o meu objetivo é o seu também, como de todo pai que ama e deseja o melhor para seus filhos.